

O teatro de Berta

Ronaldo Wrobel*

O apresentador anunciara uma lontra dançarina de tango. Berta tomou o seu diurético, ajeitou-se à poltrona e aumentou o volume. O bicho apareceu estirado num rochedo. Não dançava coisa nenhuma: o número era uma trucagem eletrônica com a lontra indo e vindo ao som de "La Cumparsita". Gargalhadas do apresentador. Berta consultou o relógio: os quadros cômicos da tevê coincidiam com o seu mingau vespertino.

Mão trêmula, comeu sem pressa. A filha – magra, solteira, estressada – trouxera-lhe um pão trançado para o *shabat*, assado na cantina da escola onde lecionava. Não eram religiosas, mas o judaísmo se afirmava pelos cinzeiros, gravuras e cacarecos do apartamento em Niterói.

Amavam-se como se amam mães e filhas: apesar dos pesares. Clarinha não herdara o brilho da mãe, crescida numa aldeia ucraniana, tocada pelo carisma, pelo dom de entreter vizinhos com canções e esquetes imitados das companhias teatrais que corriam os campos. Sua graça aliviava a angústia dos conterrâneos, alvos de atrocidades antissemitas. Muitos migravam para a América, outros ficavam por inércia ou ingenuidade. A mãe de Berta queria a filha casada e longe dali. Suas preces teriam atraído uma companhia de teatro iídiche cuja musa desmaiou no camarim. Auditório cheio, o diretor da companhia beirava o pânico à sugestão do rabino.

A aldeia aplaudiu em peso - prestigiando o talento da moça, é verdade, mas também a expulsá-la daquele ermo infeliz. No dia seguinte, Berta arranjava-se na carroça, entre os figurinos e cenários por cuja brecha viu sua aldeia recuar. Pais e vizinhos acenavam, do rabino ao mendigo, até os cachorros. A carroça rangia campo adentro. Voltaria em breve, jurava Berta ao contemplar o mundo do qual pela primeira e última vez se afastava. Só desviou o olhar quando o horizonte dissipou a aldeia.

Berta rendeu aplausos do Báltico ao Negro. Centros, periferias, povoados remotos recebiam a companhia, às vezes com honrarias e banquetes. Eram a alegria, o esplendor de camponeses. Também levaram sustos: infiltrados na platéia, agentes do czar interrompiam as peças, acusando os artistas de propagar o "jargão judaico", vulgo iídiche. Mas só propagavam alegrias e ainda faziam servicinhos extras, tendendo à sobriedade em velórios, contratados por órfãos e viúvos. Animavam festas e encenavam farsas piedosas. Certa vez, Berta fingiu-se a filha ausente de um moribundo, ouvindo-lhe as confidências que repassou, por escrito, à legítima.

O tempo os levou para o Oeste. Em 1914 deslumbravam-se em Londres. Hábeis andarilhos por charcos e gelos, agora usavam metrô e aspiravam a democracia. Mas foi no eldorado que a companhia ensaiou o declínio. Primeiro, o ator cômico zarpu para Nova Iorque. Depois, um banqueiro desposou a costureira, também cozinheira e bilheteira, trocando alianças num gramado em Oxford. Já idoso e desesperançado, o diretor da companhia ouviu a proposta. Não era bem a América de seus sonhos, mas era América. Na mansidão dos pampas viviam milhares de judeus chegados da Europa. Caberia à companhia entretê-los.

Berta, cujo charme uns chamariam de beleza, arrebatou corações e angariou buquês nos confins daquela América. Foram dias felizes, mas o medo de voltar à Europa fadou o grupo à dispersão: uns ficaram na roça, outros em Buenos Aires. Berta só tomou o navio para Londres porque o diretor cismara de alegrar soldados judeus na Guerra. Já antevia horrores quando o velho enfartou à entrada da Baía de Guanabara. Do porto carioca, seguiram para o cemitério.

Rendida ao acaso, Berta sofreu privações até empregar-se em casas de família. Cozinhou, lavou e aprendeu o português com o qual se fez entender.

Nos anos seguintes a comunidade judaica cresceu e Berta casou com um polonês. Viveram numa vila em Niterói. Nascida em 1932, Clarinha foi precocemente desmamada, porque a mãe atuava e dava aulas de teatro na Praça Onze. Berta acumulou prêmios e rugas ao longo das décadas, brilhando cada vez menos em palcos e, mais, nos asilos. Os elogios de outrora (beldade, musa) foram ganhando tons outonais (sábia, veterana) até resvalarem em funéreos "incansável" e "eterna".

Aos setenta e tantos, viúva e encarquilhada, ainda rondava asilos. Distribuíam conselhos e chocolates, ouvia as queixas dos nostálgicos e, dos dementes, as perspectivas. Um dia foi esmurrada:

– Xô, bruxa velha! – Citaram o Talmud: – "Quem dá é aquele que mais recebe".

Hipertensa, Berta quase morreu.

– É atriz, está fingindo! – acusaram.

Não voltou a asilos. Nem morreu.

Beirando os cem, a vida consistia em mingaus e lontras dançarinas. Não era dada a nostalgias nem relíquias, mas gostava de lembrar a juventude, quando o corpo esbanjava sabedoria e a alma, debilidade. Agora os pólos se invertiam. Às vezes a filha trazia velhas de outras solidões porque a mãe "precisava de amigas". Berta repudiava chás geriátricos: amigas velhas não eram o mesmo que velhas amigas. Preferia cerveja.

O fato é que ela ainda queria brilhar – ou, se tanto, bruxulear – antes de caído o pano.

– Não babe o mingau – resmungou Clarinha.

Berta limpou-se. Vexada pelo descuido, empertigou-se ao dizer que estava farta daquela rotina, que antes de morrer queria confortar os necessitados. Clarinha fez que não ouviu. Findo o mingau:

– Que tal o Lar dos Velhos, minha filha?

Fúria:

– Chega, mamãe! O dia não foi fácil na escola! – Colhendo a louça: – Também estou velha, qualquer hora a senhora me enterra! Quer outra televisão?

Na semana seguinte, o controle remoto tinha quarenta e três teclas. Berta tentava desvendá-las, o mingau espessando na mesa.

– Vem comer, mamãe!

À segunda colherada:

– Quando vamos ao asilo?

Clarinha corou:

– Se a senhora ficar lá, agora mesmo!

Horror. Berta cravou o olhar na filha, que prendeu o choro e fez um beijo rancoroso. Mas nada se disse. Suspiros conciliadores:

– A senhora precisa pintar a raiz do cabelo.

– Você também.

– Vou marcar o salão.

Foram cinco horas no salão. Depois deram um pulo no armarinho, porque Clarinha precisava de botões perolados. Em casa, Berta voltou a falar em asilos. Clarinha atirou os botões no chão:

– Acabei de fazer o cabelo, mamãe! Não me enlouqueça!

Com o costumeiro alvoroço os alunos lotaram o auditório da escola. "É uma peça diferente", Clarinha disse às crianças. Nem ela sabia o enredo.

Num cenário de papelão, adolescentes mostraram o desafio de dois amigos: um rico, outro pobre; um branco, outro negro. Em comum, o futebol numa praça onde discutiam as diferenças. Tudo bem produzido e politicamente correto.

Finda a peça, uma didática palestra instruiu a platéia. Café, o negro, declarou-se tão pobre quanto o personagem:

– Moro numa favela.

–... E eu no Alto Leblon! - rematou o rico Daniel.

Suco e biscoitos selaram o evento. Clarinha cumprimentou o diretor:

– Minha mãe foi atriz. Decorava as peças até no banheiro.

– Evito *decorebas* - disse o homem. - Meus alunos *se* interpretam, buscam o personagem dentro deles e, assim, tudo fica mais convincente. - Estendendo um cartão: - Heitor Reis, prazer.

Dava aulas em Niterói.

– Moro lá - sorriu Clarinha.

Mais tarde sacolejava na lancha para casa, o olhar vago. Mas os porões da alma operam milagres na surdina, daí o lampejo. Clarinha beirou a euforia ao reler o cartão de Heitor.

* * *

Berta assou um quilo de amanteigados e compôs o xale. Entrou no táxi amparada em Clarinha. Saltaram na zona portuária de Niterói, ermo acinzentado, viveiro de escórias que mãe e filha contornaram com seus corretos sapatinhos.

– Aqui – Clarinha abriu a portinhola de ferro.

Entraram num galpão cheio de mendigos. Eram todos jovens. Berta farejou o ranço, passos miúdos, a espinha curvada. Aguou os olhinhos, estabanada ao abrir o pacote de biscoitos. Implorou ordem às mãos estendidas, vorazes, insaciáveis.

Apresentada ao intitulado "gestor" do abrigo, Berta perguntou a origem dos recursos, decerto escassos para manter o lugar. O homem disse catar donativos pelo caminho, o suficiente para o banho e a refeição dos internos. Berta o parabenizou, ressalvando que teto e comida não bastavam. Era preciso treinar os mendigos para o mercado de trabalho.

– O bem mal feito é um mal bem feito - advertiu.

Amabilidades à despedida. Clarinha vibrou, antevendo dias de paz graças à trupe teatral, daí engasgar ao aceno da mãe para Heitor Reis:

- Volto em breve! Até logo!

* * *

Clarinha estremeceu ao aviso do porteiro: o síndico queria falar com ela. Seu Guimarães delatou as travessuras de Berta: batia de porta em porta, abnegada pelos corredores do prédio, a arrecadar donativos para uma obra social. Apavorava os renitentes com profecias horrorosas. "Caridade ou extorsão?", indignou-se Guimarães. É certo que o expediente rendera mudas de roupa, bugigangas e todo o açúcar cristal com que uma doceira ia polvilhar os brigadeiros encomendados, justamente, pela mulher do síndico. Transtornos não tardaram: empregadas evangélicas fugiram do prédio e uma criança asmática quase morreu.

Clarinha implorou desculpas. Em casa, foram dois calmantes ao dar com o entulho na área de serviço. Fincou as unhas na mãe:

– Chega de caridade, entendido?

Berta assentiu com um muxoxo, mas queria porque queria rever os mendigos.

* * *

Recriou-se o ambiente.

Mãe e filha chegaram pontualmente, Clarinha embaraçada. Mas, para Heitor e alunos, o momento era didático e animador. Berta testava-lhes o talento, o dom de improvisar e convencer. Um privilégio e tanto. Na primeira visita, alguns tinham sido mais fluidos e convincentes; outros cometeram pecaúdos e mal esconderam tatuagens e *piercings*. Dessa vez, todos cheiravam a sabonetes baratos. Barril encardira os dentes com anilina; Letícia roera as unhas; Daniel banira a gramática.

Berta distribuiu os donativos: roupas, xampus, chocolates. Os jovens fuçaram os frascos, comeram os doces e disseram "obrigado". Servido um cafezinho, a velha adiou o primeiro gole:

– Quando vão aprender a trabalhar? Afinal, o senhor ajuda os pobres ou a pobreza?

– Mamãe! - repreendeu Clarinha.

A improvisada aparição de uma atriz sanou a crise:

– Sou assistente social.

Berta aquietou-se com uma ladainha sobre "cursos profissionalizantes": corte e costura, culinária e afins.

- As aulas começam mês que vem - sorriu a assistente.

* * *

No salão, Cacá amou a idéia.

- Basta a minha frasqueira, toalhas e um banquinho!

Berta abraçou o cabeleireiro. Àquele dia convocara eletricitas, sapateiros, até palhaços de circo para as aulas no abrigo. Cacá, empolgadíssimo:

- Lá onde eu moro tem muito miserável, quem sabe eles não se arranjam nesse lugar?

Resultado: a mendicância explodiu à porta do galpão, um arsenal de mãos postas. Heitor os enxotava, na inquietude vertida em pânico quando Cacá, um bombeiro hidráulico e uma astróloga chinesa vieram agendar as tais aulas profissionalizantes.

Clarinha adoeceu: como assumir-se a mentora daquela confusão? Berta dava-lhe banho, remédio, assumia os ofícios domésticos. Certa vez saiu para comprar fósforos e ligou para Heitor Reis. O homem esbravejou:

- Pelo amor de Deus, não mande ninguém!

Mas ressalvou que ela, Berta, seria bem vinda. Os alunos queriam "consolidar" os personagens. Daniel era a nota dissonante: por que enganá-la?

Heitor foi pragmático:

- Temos um acordo com a filha.

* * *

Berta combinou idas semanais ao galpão. E o melhor: sem Clarinha.

Agora vestia coisas simples, sem presentes nem promessas. Ia conversar, o sotaque rascante, sentada numa poltrona em cujos pés os jovens se aninhavam.

- Sou atriz, sabiam?

Olhar arguto, sondava a alma, os trejeitos de cada um. Daniel vacilava, avesso à mentira que Berta parecia encorajar:

- O dom do ator é mentir. Não há teatro sem mentira nem mentira sem teatro. - Cruzou as pernas: - Conhecem a história do mau mentiroso? O rapaz procurou o rabino. Disse que vinha a pedido de um vizinho que tinha ofendido os pais, desejado a cunhada e chutado um mendigo. O rabino pensou, coçou a barba e disse: peça ao vizinho para falar comigo; caso ele tenha medo ou vergonha, basta fingir que veio em nome de um vizinho!

Berta definiu seu passado como um "banquete de migalhas". Remontou às andanças na Rússia:

- Os religiosos da trupe rezavam virados para Jerusalém. Os pragmáticos, para Nova York!

E narrou sua comédia predileta: "A Sorte Grande", de Scholem Aleichem. Shimale, um pobre alfaiate, ficava milionário graças a um prêmio lotérico. A esposa banhava-se em jóias; a filha arranhou um noivo; a casa virou uma festa. Mas os problemas não tardaram, e foi na promessa de um estelionato que a serpente escondia o bote. Shimale pressagiava alegrias ao assinar os papéis errados. Arruinou-se, perdeu tudo. Arrancava os cabelos quando o despertador alardeou: fora tudo um sonho! Bendita pobreza!

- Tem música, dança. Eu fazia Belke, a filha de Shimale. - E cantarolou as melodias com um sorriso radioso.

* * *

O grupo decidiu pesquisar o teatro iídiche. Daniel iria a asilos; Letícia e Café, às bibliotecas; Barril, ao Museu Judaico.

Dias depois:

- *Beiguelles* - Berta explicou enquanto os jovens mordiscavam os pastéis de batata. - Comíamos na Europa.

Esmiuçara "A Sorte Grande": personagens, figurinos, cenários. Lembrara as aldeias judaicas, as casas de madeira e ruas lamacentas, mugidos e cacarejos, dias santos e noites profanas.

Gostava de entoar as ênfases e lamentações do iídiche, seus refrões humorísticos, compartilhando relíquias com uma dúzia de ouvintes e outra dúzia de fitas cassetes que, debaixo da poltrona, renderiam cuidadosas transcrições.

Descreveu o alvoroço dos camarins; as alegrias e tristezas em cena aberta; o êxito ou o fiasco pressentidos a cada esgar da platéia. E os aplausos? Ensaiou o curvar com que os agradecia, lenta e majestosamente, camuflando o ar pedinte, a aflitiva sujeição do ator ao arbítrio coletivo.

- E as vaias? - Barril provocou.

Berta fez uma pausa estudada. Afagou as coxas:

- Adoro vaias e aplausos, contanto que sejam para mim.

Abriu a frasqueira, sacou uma nota de vinte reais e perguntou quem iria comprar cervejas. Aos goles, modulou a voz, recitou Scholem Aleichem, saltitou, bracejou, riu como os são só riem na mocidade.

Os jovens reagiram com o primeiro e sigiloso ensaio de "A Sorte Grande".

Berta ganhara quatro quilos - sem remédios! Os balconistas da farmácia já pressentiam o pior ao avistarem-na em trajes claros e displicentes, saída de uma academia de *tai chi chuan*.

Daniel aderiu à farsa ao freqüentar alfaiates para "aprofundar" o seu Shimale. Deixara o paraíso onde arava a ingenuidade para semear certezas. E embora gostasse de ver Berta feliz, lamentava o seu paradoxo: ignorar para ensinar.

* * *

Um dia propalaram-se os rumores. Boato, maledicência? Heitor apressou-se em advertir os alunos e, na semana seguinte, o oficial de justiça pedia para usar o banheiro.

Clarinha estremeceu:

- Não é possível.

Heitor revirava os olhos ao explicar que ocupavam o balcão a "título precário".

- Foi leiloado, temos que sair.

- Vão para onde?

- Um clube em São Gonçalo.

E agora?

Atordoados, bolaram o que dizer a Berta. Algo delicado, convincente - quem sabe, até, encorajador.

* * *

Um estrábico teclava valsinhas na casa de chá. Berta pousou a xícara no pires:

- Posto de gasolina?

Heitor garantiu que a empresa dona do galpão, poderosa multinacional, daria empregos para os garotos. Pigarros:

- Não é maravilhoso?

- É - ela disse por dizer. Fuçou a bolsa para distrair as mãos afoitas e tirou um comprimido, tomado com um suco amarelo.

Sim, conhecia a perda. Mais: conhecia a perda renunciada, covarde e gradativa, desde o presságio inaugural à aquiescência; conhecia as ponderações, as falácias contra indícios que esboçam evidências; a agonia em cuja arena a relutância duela com a resignação; a esperança sitiada pela razão. E o ato final: a rendição, da luta ao luto.

Berta salgou o chá com uma lágrima e sugeriu que Heitor pedisse a conta.

* * *

Chovia em Niterói, a água tamborilando nas telhas do galpão. Berta fechou o guarda-chuva e ocupou sua poltrona. Olhou os jovens. Antevia o sucesso deste, o fiasco daquele. Queria falar, mas faltava-lhe a idéia - e o fôlego; algo que coroasse aquele ciclo precocemente encerrado. Dos jovens tampouco partiam reações.

Coube a Daniel a reverente iniciativa. Começou a bater palmas. Letícia e Café fizeram o mesmo. Heitor também. Dali a pouco todos estavam de pé, aplaudindo Berta. Surpreendida - mas sempre serena -, venceu um doce embaraço e levantou-se com a nobreza das divas. Mãos coradas, os aplausos ressoaram fervorosamente. Há quanto tempo Berta não os ouvia? Saboreava aquela glória temporã - e derradeira - ao curvar-se com grata elegância, mãos no ventre. Os aplausos não cessavam - antes:

cresciam. Curvou-se outra vez. Mais aplausos. Então, saciada, pediu silêncio. A expectativa de um discurso era unânime - e vã.

Berta secou o rosto, pegou suas coisas e foi-se embora.

* * *

Os dons de Clarinha remontavam ao berço. Seus berreiros precediam desgraças. Ainda mocinha, tinha insônias em vésperas fatídicas. Buscou na química o fim das noites despertas. "Você precisa é de um homem", resmungava Berta, ao que a filha replicava, certa, que uma boa mãe teria bastado.

Àquela noite nem os soníferos adiantaram. Clarinha bocejou a aula inteira, vidrada no relógio que badalou sua alforria ao meio-dia. Cochilou na barca e torceu a maçaneta de casa às duas em ponto. Deu com um bafo úmido na cozinha e viu a luz do banheiro pelo basculante da área de serviço.

- Mãe! - chamou. – Tomou banho?

Nada. Mais alto:

- Mãe!

Nada. Clarinha estremeceu: a mãe não tomava banho àquela hora.

- Mãe!

Na sala, a televisão ligada. Numa tulipa, resto de cerveja. Agora ela bebia às claras porque "os diuréticos já não surtiam efeito".

A bem dizer, a mãe andava estranha. Seis meses haviam se passado sem Berta falar dos jovens. Nada de saudade ou angústia, pelo contrário. Achava tudo ótimo, comia bem e dormia divinamente. Sabedoria ou demência?

Passos miúdos, Clarinha contornou a sala e avistou a porta do banheiro entreaberta. As vinhetas de um programa irritaram-na: odiava a histeria televisiva. Tinha motivos: nos asilos rondados com a mãe, viu moribundos no limiar da eternidade, embalados por anúncios de sabonete ou receitas de empadinhas. Quantos não partiram unguídos por gargalhadas, dublagens grosseiras, refrões estridentes?

No ar, uma emanção floral - xampu, sabonete?

- Mãe?

Espichou o olho. Breve alívio: o banheiro estava vazio. Moveu a porta do quarto da mãe. A cama da mãe estava revolvida, roupas, bijuterias e... um bilhete!

Onde deixara os óculos? Vasculhou a casa até encontrá-los - justo onde? - em cima da televisão. Eis a mensagem: "Saí". E antes que digerisse aquilo, a apresentadora de um programa de auditório convocava os vencedores de uma promoção. Clarinha pensou ter alucinado ao escutar o nome da mãe. Fora premiada com um ingresso para um festival de teatro amador no Centro do Rio. Em cartaz, a comédia de... quem mesmo?, atrapalhou-se a mulher. Sorridente, passou ao título: "A Sorte Grande".

- Céus - murmurou Clarinha.

* * *

- Céus - murmurou Heitor.

Correu para o camarim. Era ela, tinha certeza. Foi sucinto:

- Berta está aí.

Uns não entenderam:

- Onde?

- Na terceira fila.

Daniel estremeceu:

- Sério?

Heitor confirmou.

- Por que ela veio?

- Está sozinha?

- Descobriu tudo?

Culpas, afetos, temores, até alegrias assolaram o camarim. Berta redefinira os rumos do grupo. Encenavam uma obra burlesca, assumindo papéis inéditos, aprendendo novas técnicas.

Medo:

- Ela vai nos reconhecer!

- Não devíamos tê-la enganado!

- Cadê o meu calmante?

- Cadê o meu uísque?

- Cadê o meu baseado?

Daniel calou as lamúrias:

- Somos do teatro: temos que enfrentar imprevistos!

Heitor proclamou:

- Queremos os aplausos de Berta!

Selaram a tensão com beijos e abraços. Soada a primeira campainha, correram para o palco.

Eti, a mulher do alfaiate, entra carregada de pacotes. Encontra a filha:

- Sabe quanto paguei pela cebola? Doze copeques! No ano passado, eu comprava um saco de cebola com apenas doze copeques!

- Por que a senhora reclama? O preço não mudou!

- Eu reclamo? Eu reclamo? Quem reclama é o seu pai! - e aponta Shimale, que vem chegando.

Shimale alfineta os punhos do paletó provado por um cliente.

- Até o fim da semana ficará pronto.

- Amém - resmungo o outro. - O senhor vem dizendo isso há um ano.

- Nem que eu viva cento e vinte, vou acabar a sua roupa!

Um trombone desafinado remata a cena.

Belke está eufórica. Traz um bilhete:

- Pai! Pai!

- Que foi? - diz ele.

- Seu bilhete, seu bilhete! A sorte grande! O senhor acaba de ganhar cem milhões!
Shimale cai sentado, mãos para cima:

- Oy oy!

Berta mal se mexia. Os atores lançavam-lhe olhares furtivos. Nos bastidores, adivinhavam-lhe o humor. Nenhuma conclusão. Nem de Heitor, sentado atrás da ilustre espectadora.

O gerente do banco abre os braços:

- Shimale, meu querido!

A "casamenteira" exulta:

- Tenho um pretendente extraordinário para sua filha!

- Calma! - diverte-se o alfaiate. - Um de cada vez!

Shimale e família cantam "Temos dinheiro de sobra". Todo o elenco entra em cena. Em coro: "Mazel Tov! Mazel Tov! Mazel Tov!"

Simale assina uma pilha de papéis, orientado pelo obscuro Vigdor.

- Parabéns! O senhor é um próspero empresário!

Acordes dissonantes ao fundo.

O gerente do banco estranha:

- Como o senhor pretende comprar imóveis se o seu saldo é zero?

Shimale engasga:

- Ze... zero? Como zero? O senhor disse zero?

- Zero.

- Oy, oy... estou tonto.

O cenário escurece.

Belke acorda Shimale, que cochila na poltrona:

- Pai, pai! Seu bilhete lotérico, ainda não foi dessa vez.

E ele, espreguiçando-se:

- Hã? O que?

Desperto, toma o bilhete da filha e o rasga em pedacinhos.

Todos cantam e dançam "Mazel Tov". Pano final.

* * *

Berta não aplaudiu. Estava pétrea, inerte na terceira fila.

Heitor entrou no camarim:

- Foi a última a se levantar.

O que teria achado? Acertos e desacertos acirraram os ânimos. Luciene reclamava da coluna; Café, do piso do palco; Daniel tirava o travesseiro da barriga. O clima beirava a descontração quando bateram à porta. Heitor:

- Quem é?

Silêncio.

- Quem é?

A porta rangeu, quarto adentro. Berta entrou sem pedir licença e caminhou vagarosamente pelo camarim. Afagou perucas, lantejoulas, fuçou cosméticos. Horror absoluto: ninguém se movia, corações gelados. Berta rompeu o silêncio:

- Daniel, gostei do seu trabalho. Luciene e Letícia, melhorem a pronúncia. É *mazel tov*, acentuem o "a" e abram o "o". Café, mais leveza! - Pigarros. - As canções estavam boas, todos afinados, mas a coreografia deixou a desejar. - Para Heitor: - Procure o clube "A Hebraica", eles têm cursos de danças judaicas. Cenário bom. Outra coisa: evitem o leite na refeição. Judeus não misturam leite com carne. Dúvidas? Comentários?

Nada.

- Então tchau - disse ela.

E foi-se.

* * *

Berta já ia entrando no táxi quando viu Daniel correndo ao seu encontro, a maquiagem borrada. Ofegante, não conseguiu falar. Ficaram a se olhar. Ela quase sorriu, ele também.

- Tudo bem? - disse Daniel.

Ela fez que sim. Novo silêncio.

- Está magoada?

Berta o observou docemente.

- Por que estaria?

- Então... você sabia?

A um tênue sorriso coube a resposta. Daniel intrigou-se:

- Desde sempre?

No mistério residia o charme com que Berta entrou no táxi. Sem desviar o olhar do rapaz, disse apenas:

- Icaraí, por favor.

* **Ronaldo Wrobel** é escritor e advogado. Autor de, entre outros títulos, *Propósitos do acaso, A raiz quadrada e outras histórias, Nossas festas: celebrações judaicas e Traduzindo Hannah*, 2010